

# Questionando a realidade através do ensino de história:

A potência do estranhamento

Por Filipe Cambraia do Canto<sup>1</sup>

## Resumo

Este trabalho objetiva relacionar o ensino de história com o tempo presente, oferecendo como ferramenta para tal prática o conceito de estranhamento. Entendo este conceito da maneira como ele é trabalhado por Carlo Ginzburg, em seu *Olhos de Madeira*, ou seja, a partir da perspectiva de que estranhar a realidade é desnaturalizá-la, tentar compreendê-la através da busca da simplicidade, despindo-a de suas valorações usuais. De maneira geral, este relato procura analisar o papel da história e do ensino de história através de seu potencial ético e transformador. Reflexões não apenas teóricas, mas baseadas igualmente em minhas experiências como estagiário do projeto dos Territórios Negros. História, estranhamento, presente e inconformismo, portanto.

Palavras-chave: história e tempo presente; estranhamento; Territórios Negros;

## Abstract

This work aims to relate the teaching of history with the present time, offering as a tool for such practice the concept of defamiliarization. I understand this concept in the same way it is used by Carlo Ginzburg, in his *Wooden Eyes*: from the perspective that strange reality is to denaturalize it, undressing ourselves of usual conventions, trying to understand it through the search for simplicity. In general, this essay seeks to analyze the role of history and the teaching of history through its ethical and transformative potential. Reflections not only theoretical, but also based on my experiences as a trainee of the project named “Territórios Negros”. History, defamiliarization, present time and nonconformity, therefore.

Keywords: history and present time; defamiliarization; Project Black Territories

## Introdução

Dizem que a razão de ser dos artigos está nas perguntas que os animam. E igualmente, quando possível, na solução destes problemas que as perguntas conformam; uma resposta, um feixe de luz numa determinada direção. A primeira indagação que me faço é talvez a mais simples e, para mim, absolutamente necessária. O que aprendi, o que levo comigo, como bagagem, da disciplina de Estágio em Docência de Educação Patrimonial? Disciplina útil, na medida em que deu espaço a reflexões acerca do que vem

<sup>1</sup> Licenciado em História pela UFRGS. Mestrando em História pela mesma instituição e bolsista Capes.

a ser patrimônio, seja material ou imaterial. Útil, pois permitiu aos estudantes enriquecer os debates e discussões com suas vivências, suas opiniões e dúvidas. Útil também por ter proporcionado reflexões, a partir das leituras indicadas e de suas discussões, sobre a utilidade dos museus e das instituições de memória em geral. Tais atividades permitiram levar em conta outras questões, como por exemplo, o movimento eternamente duplo da memória que tem de carregar consigo e para sempre o seu outro, o esquecimento. Pois fazer lembrar de algo é também permitir algum esquecimento. A contemplação desta questão, do caráter essencialmente conflituoso da história nos carrega, penso, para o tempo presente. E aqui a disciplina de Estágio em Educação Patrimonial deixa de ser apenas útil para tornar-se finalmente necessária. A necessidade da disciplina de Estágio fala por si, na medida em que conjuga a reflexão à prática, contribuição muito particular dos estágios de docência. Estas disciplinas estimulam a elaborar e reelaborar o conteúdo histórico para e a partir do tempo presente. Pois mesmo que o ensino de história verse sobre o passado, não se pode por isso esquecer seu elemento mais prático, que tem fincado os dois pés no presente.

Estagiei e fiz parte do projeto "Territórios Negros", que é organizado pela Carris e objetiva oferecer para as escolas e também para o público em geral saídas de campo para os territórios de Porto Alegre que historicamente foram ocupados pelas populações afro-descendentes em geral. As mediações destas saídas abordam, de maneiras diversas, a contribuição efetiva dos afro-descendentes nos mais variados aspectos (a utilização de sua mão de obra na construção de grandes projetos arquiteturais, como o Mercado Público e a Igreja da Nossa Senhora das Dores; de sua contribuição para a diversidade cultural, com sua religiosidade, seus costumes, suas danças, entre outros). Mas o ponto que me chamou atenção logo de saída foi a questão da desigualdade em seu sentido mais amplo. Portanto, a partir deste eixo que é a desigualdade, pode-se analisar toda a história das populações negras em Porto Alegre. Da escravidão aos dias atuais. Mas como tornar este tema inteligível para quem não elegeu a história ou possivelmente não a elegerá como fonte diuturna de interesse, estudo e reflexão? Para mim um dos conceitos suficientemente ricos para amarrar o passado ao presente, problematizando assim a história em vez de concebê-la como algo dado, é aquele expresso pelo termo estranhamento. Trabalho o conceito de estranhamento tal como aparece no primeiro ensaio de *Olhos de Madeira*, de Carlo Ginzburg, intitulado "Estranhamento: pré-história de um procedimento literário". É bem verdade que Ginzburg reconhece duas utilizações distintas e complementares deste conceito, uma cujo sentido é dada por Proust, e que busca "proteger o frescor das aparências contra a intrusão das idéias, ainda não contaminadas pelas explicações causais" (GINZBURG, 2001,

p. 36) e outra, que me interessa mais, atribuída especialmente a Tolstoi, cuja definição é dada pelo esforço do pensamento de sair da realidade, de desnaturalizá-la, para a ela retornar. Este esforço do pensamento que gira sobre si e que, em seu movimento, expelle tudo aquilo de que já não necessita, tem como força motriz a própria ideia marcada pela busca da simplicidade. Pois ao observarmos um evento qualquer devemos nos fazer uma pergunta inquietante: o que isto é em si mesmo? Fugir da representação de algo, de suas convenções mais usuais e buscar sua concretude máxima. Em seu conto *Kholstomer*, Tolstoi narra os acontecimentos a partir do ponto de vista de um cavalo, tornando, portanto, os estranhamentos inevitáveis. Deste prisma, é preciso esforçar-se para ouvir a voz daqueles que foram silenciados caso queiramos entender melhor nossa própria realidade, sejam eles cavalos, crianças, loucos ou, em nosso caso, as populações afro-descendentes. Nas palavras de Ginzburg, "o estranhamento é um antídoto eficaz contra o risco a que todos nós estamos expostos: o de banalizar a realidade" (GINZBURG, 2001, p. 41). Assim, quanto mais difícil for este exercício, tanto mais forte é o indício de sua necessidade.

## O estranhamento em prática: minhas experiências nos Territórios Negros

Já no início do encontro, do trajeto, eu costumava perguntar aos estudantes o motivo pelo qual eles estavam ali. Normalmente, envergonhados, não respondiam nada; às vezes venciam a vergonha e arriscavam uma resposta: "para ir ao Quilombo do Areal da Baronesa". Outras vezes diziam-me que era para saber melhor a história dos negros; outros, que era para ver o monumento do Bará, no Mercado Público. Entretanto, quando insistia e perguntava: "Ok, mas por que vocês devem conhecer o monumento do Bará ou aprender sobre a história dos negros em Porto Alegre?", nunca respondiam nada. Talvez seja inútil perguntar-se pelas razões por trás disto, mas eu arriscaria dizer que os alunos eram pegos de surpresa nesta ocasião, que não haviam sido previamente preparados para o trajeto; talvez porque refletir sobre aquilo que fazem sob orientação da escola não seja algo presente em seu cotidiano; ou então que isto pode ter ocorrido por uma falha na minha aproximação. De resto, tentava explicar que o objetivo daquela saída era evidentemente conhecer esta história que por tanto tempo foi esquecida (e perguntar-se sobre os motivos deste esquecimento), mas igualmente pensar nas questões geradas

pela desigualdade e que, através desta assimetria histórica nos mais variados âmbitos (renda, oportunidades, acesso à informação e ao conhecimento, etc.), era possível conectarmos a história com o nosso dia a dia. E aqui, paralelamente, relacionamos este primeiro momento do trajeto com o início do filme *O Doador de Memórias*. Inicialmente, duas coisas impressionam na sociedade futurista retratada no filme: o fato de que os personagens criados só enxergam o mundo nas cores preta, branca e cinza e de que a memória do passado é deletada. Tudo nesta sociedade visa à segurança. Os seres humanos são destituídos de emoções. Através de injeções diárias, eliminam-se a dor, a raiva e a inveja; e também, outra perda inestimável, o amor. Curiosamente, as mortes, assassinatos do nosso ponto de vista, não deixam de ocorrer, mas ressignificam-se. Pois tanto os recém-nascidos doentes ou com má-formação como os idosos são vítimas deste poder, que mata mas esconde seu ato e transforma-o noutra coisa: estas pessoas são simbolicamente enviadas para "Alhures" ("Elsewhere"), embora ninguém de fato saiba onde fica esta região nem o que de fato se faça lá. A comparação entre estes momentos do filme e aqueles que presenciei durante meu estágio não é, evidentemente, perfeita, exata. Não se trata de aqui considerar os estudantes como tábulas rasas, pois muitos deles vivem a situação de desigualdade e sabem na pele o que isto significa. Trata-se antes refletir sobre a importância da história e de algumas consequências imagináveis que sua ausência pode acarretar: no caso, a apatia. A relação com o filme, pode servir, a meu ver, como complemento ou talvez como indicação do professor aos seus estudantes até mesmo para que assistam a este filme em casa. Algo a um só tempo lúdico e instrutivo.

Feitos estes esclarecimentos, chegamos à segunda etapa da saída de campo. O primeiro ponto de parada é no monumento do Tambor, localizado no Largo da Força. Monumento significativo por diversas razões. Primeiro, por se tratar de uma homenagem às populações negras que viveram e vivem em Porto Alegre, localizada justamente num ponto onde os escravos eram trazidos para serem enforcados. Outro ponto relevante: o Tambor só foi criado no ano de 2010. Longa a ausência e longo o silêncio, portanto, até o reconhecimento (formal) destes estratos sociais. Neste ponto de parada, eu costumava falar acerca da expressividade do tambor, seja como instrumento musical, religioso ou comunicativo; das condições precárias de vida dos escravos, da arbitrariedade com que eram tratados, mas também de suas formas de luta e de resistência. No entanto, o período compreendido entre 1888 (abolição da escravidão) e 2010 perfaz um longo silêncio, mas igualmente possibilita a conexão com temas presentes. Para fazer isto, normalmente eu lembrava que embora o racismo e o ato de injúria racial resultem em crimes, isto não apaga o preconceito imediatamente. Pois são construções culturais e como

tais, só podem ser tornadas inócuas, para depois caírem em completo desuso, na medida em que novas e melhores práticas sociais forem ganhando espaço. Por vezes, a permanência do preconceito evidencia-se em palavras ou expressões como "denegrir", "humor negro", "judiar", "marginal", entre outras. É curioso observar que palavras como estas, tão pejorativamente carregadas, usadas à exaustão e por longos períodos de tempo tenham podido permanecer na boca das pessoas, proferidas de maneira quase "ingênua", um tipo especial de ironia que ganha força à medida que os perigos a que aludem (os judeus perseguidos especialmente pelo regime nazista na Alemanha, ou mesmo a escravidão) tornam-se "inexpressivos". Exemplo de concessão perigosa feita ao preconceito.

Outro ponto bastante significativo do trajeto é a parada no monumento do Bará, localizado no centro do Mercado Público. Este monumento foi especialmente importante em minhas mediações por alguns motivos. Foi construído somente em 2010 (novamente, temos o problema do grande silêncio); por possibilitar o entendimento de que grandes construções como o Mercado Público são realizadas não apenas a partir dos projetos de arquitetos e engenheiros ou mesmo de políticos, mas também através do emprego da mão de obra de pessoas de outros estratos sociais e, no caso do Mercado, da mão de obra escravizada; depois, pelo espaço central que o monumento ocupa, tão coerente com a simbologia que lhe é própria; também porque, diferentemente de tantos outros monumentos de supostos grandes homens, nomes de ruas e de cidades, o monumento do Bará é símbolo de uma cultura viva e presente, fato que, confesso, me comoveu bastante; e, finalmente, por evidenciar e possibilitar de maneira clara, um debate sobre a necessidade do respeito às diferenças e, conseqüentemente, do combate às formas sociais que a desigualdade assume. Em quase todas as vezes em que visitei o monumento do Bará como estagiário dos Territórios, para não dizer em todas, pude presenciar seus devotos o reverenciarem e lhe jogarem moedas ou grãos de milho. A intensidade emocional diariamente testemunhável que este monumento inspira sempre despertou a curiosidade dos estudantes. Ponto do trajeto que, com sua riqueza e pujança cultural, possibilita vários tipos de abordagens.

Encerra-se então o segundo momento da saída, onde os estudantes já puderam conhecer ou relembrar de alguns fatos da história dos negros em Porto Alegre, pensar um pouco sobre as lacunas, os silêncios, os esquecimentos e as memórias que esta história oferece; depois de se ter aludido à necessidade de conexão desta história com o tempo presente, os estudantes entram novamente no ônibus, que segue para o parque da Redenção (cujo nome de "batismo" é Parque Farroupilha - outra derrota da história oficial ante sua outra, a popular). Tempo de sociabilidade entre os es-

tudantes, tempo para lanchar e, quem sabe, para conversar sobre os novos saberes e as novas curiosidades levantadas ao longo da saída.

E é também chegado o tempo de retomarmos a relação iniciada anteriormente entre o trajeto dos Territórios e o *Doador de Memórias*. Apresentada a sociedade futurista, o filme desenrola-se, faz avançar sua narrativa. Estamos numa grande cerimônia, na qual as crianças recém-nascidas serão designadas às suas famílias; os mais velhos serão "honrosamente dispensados para Alhures", enquanto os jovens terão suas profissões escolhidas, seus futuros decididos. Duas figuras destacam-se na multidão. Um homem já entrado em anos, certamente alguém importante e que, no entanto, destoa de seus pares. Ao contrário deles, felizes, satisfeitos consigo mesmos, este homem traz o ceno carregado, deixa transparecer certa angústia, um não sei quê de mal estar. A outra figura, esta bastante jovem, herói da narrativa, é Jonas (seu nome não é escolhido gratuitamente). E diferentemente de seus amigos, extremamente excitados com a cerimônia, Jonas não tem certeza de onde se encaixará, nem se de fato de se encaixará. Durante a cerimônia é dito que ele, por possuir todos os quatro atributos mais importantes - inteligência, integridade, coragem e capacidade de ver além (de certa forma, não são também atributos que podem ser desenvolvidos com o ensino de história?) - será o próximo Recebedor de Memórias, posição única e, portanto, solitária. O Doador de Memórias, a outra figura angustiada, incumbido do treinamento de Jonas, começa a lhe passar suas memórias. Jonas, naturalmente, fica encantando, seu mundo ganha cores, ele conhece a música e outras tantas coisas belas que ainda hoje formam nosso mundo. E nesse choque entre realidades diversas, entre o passado e o presente, o Recebedor de Memórias é tomado pelo sentimento do estranhamento. Jonas percebe, entre outras coisas, que as famílias de seu tempo não podem bem ser famílias, uma vez que a própria palavra amor perdera seu significado. Passa, a partir deste momento libertador, a questionar-se sobre tudo. Entusiasma-se com o conhecimento do passado. Mas isto ainda não é tudo. Seu treinamento está apenas iniciando.

Abordado o início do filme, retomemos o relato sobre a saída de campo. Os próximos pontos de parada que são a Ilhota e o Quilombo do Areal da Baronesa, momentos importantes da minha mediação. A caminho da Ilhota eu normalmente fazia uma provocação aos estudantes, propunha-lhes um exercício de imaginação, uma prática de estranhamento. Tinha uma fala mais ou menos planejada que, evidentemente, precisou sempre ajustar-se às condições de cada público. Era algo assim: "Gostaria de falar sobre uma palavra estranha, e esta palavra é estranhamento. Faço a vocês uma pergunta. Imaginem que um E.T., portanto visitante de outro planeta, permanecesse na cida-

de de Porto Alegre por mais ou menos um mês. Metade de seu tempo ele passaria nos bairros mais ricos, acompanhando a vida da alta sociedade, seus jantares requintados, suas discussões sobre viagens à Europa, etc. Na outra metade do tempo, o E.T. ficaria nos bairros mais pobres, nas vilas e favelas porto-alegrenses. Veria, assim, como é difícil marcar uma consulta médica pelo SUS, dos casos em que meninos e meninas precisam trabalhar para compor a renda familiar ou mesmo cuidar dos irmãos menores, e, em suma, ficaria a par de todas as tribulações por que passam os mais pobres de Porto Alegre. Mas aprenderia também seus costumes, suas diversões e seus passatempos. Pergunto: ao final de um mês, com que pensamentos este E.T. deixaria nossa cidade?" Nesse momento, peço aos estudantes para que reflitam um pouco sobre o assunto, que o discutam com seus colegas. Então um pouco antes de chegar ao Quilombo do Areal da Baronesa, devolvo-lhes a palavra. Normalmente os estudantes apontavam para a desigualdade de renda (alguns a conjugavam com a qualidade de vida). Neste ponto, eu por vezes dizia que, ao me fazer a mesma pergunta sobre as conjecturas do E.T., imaginava que ele compreenderia não apenas estas diferenças de renda, como também intuiria nossas semelhanças. Que todos nós, pobres ou ricos, negros ou brancos, precisamos dormir para repousar, nos alimentar, nos divertir, trabalhar, ser amados, compreendidos e respeitados. E, se todos temos necessidades realmente tão próximas a despeito de todas nossas possíveis diferenças (de personalidade, opção sexual, de credo...), por que haveria, enfim, tanta desigualdade de oportunidades em nossa sociedade? Aqui, especialmente para públicos do Ensino Médio em diante, indicaria a discussão de um tema que considero fecundo: as cotas para ingresso nas universidades públicas. Pois muitas vezes estas políticas são consideradas como "favores" justamente pelo público que delas deveria usufruir. Pode-se explicar, aproveitamento o tema, sobre a diferença entre méritos e oportunidades, fundamental para esta discussão. Para ilustrar o debate, o mediador pode trazer à luz alguns dados sobre a vida da população negra em Porto Alegre (taxas de analfabetismo entre os negros e os brancos, de evasão escolar, de comparação de renda, entre outras). Pode-se falar também sobre aquela frase já batida, mas nem por isso menos verdadeira, segundo a qual conhecimento é poder; de que as ideias devem circular e que nós, enquanto cidadãos ou futuros cidadãos, temos o poder para mudar certas situações. A escravidão, tanto a indígena como a africana, não acabou? A ditadura também chegou a seu termo. E, se não fosse pela luta e pela força de resistência de muitos homens e mulheres, talvez tais situações de opressão e subjugação tivessem perdurado muito mais. Mas para saber disto, é preciso combinar o conhecimento histórico à capacidade de estranhamento e de reflexão.

A fim de exemplificar isto, voltemos à metáfora fílmica. O treinamento de Jonas prossegue como o esperado, até que um imprevisto balança seus sentimentos. Inopinadamente, ele bate à porta de seu instrutor, que não lhe atende. É madrugada e Jonas, angustiado, decide adentrar mesmo assim a casa. Seu mestre tem pesadelos, - a memória de uma guerra, da qual Jonas desconhece a existência, pois até então só havia experimentado memórias agradáveis - gesticula, fala sozinho. Jonas tenta socorrê-lo e acidentalmente absorve a memória da guerra. Desespera-se. Não sabe o que fazer com ela. Sente-se impotente. Parece sucumbir ante a contemplação da própria finitude. E considera, por fim, desistir do treinamento. Qual a finalidade de possuir tais memórias? E é justamente neste momento de inflexão que a narrativa do filme revisita uma outra, da qual é implicitamente tributária. Refiro-me ao livro de Jonas, estória bíblica, homônimo do protagonista de *O Doador de Memórias*. No relato bíblico, Deus ordena a Jonas que vá à cidade de Nínive e pregue a seus habitantes que caso não mudem e passem a respeitar os mandamentos, seus dias estarão contados. Jonas hesita, e parece fazê-lo por duas razões: por considerar que Deus é infinitamente misericordioso, ou seja, que perdoará os habitantes de Nínive apesar de seus atos; e também por se sentir, como seu homônimo, incapaz, finito. Nisto está a beleza deste relato, que pode ser associado diretamente ao poder construtor da história: que Jonas vai a Nínive, faz a pregação e acaba por convencer seus habitantes a regenerarem-se. E que, apesar de todas as dúvidas e receios, a regeneração começa através dele, que sem sua ação não haveria mudança nem convencimento. Esta é a parte pela qual o filme parece passar muito rapidamente, talvez por implicitar através da referência do nome de seu protagonista a relação que mantém com este relato bíblico. Por fim, Jonas, o do filme, se convence da necessidade, da utilidade da memória, transmitindo a seus contemporâneos o conhecimento sobre o passado. E o final do filme é bonito; pois as pessoas são tomadas por estas lembranças há muito silenciadas; têm enfim olhos não só para ver as cores, mas para chorá-las. Transbordam. Pois o saber também liberta.

## Considerações finais

Durval Muniz de Albuquerque Júnior, coloca que (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p.35)

[...]a história pode, dependendo da forma como é escrita e ensinada, nos levar a valorizar o tempo presente, a vida presente, nos fazer perceber a necessária intensidade com que temos de viver a vida [...], não ficando alheios ao que



nela se passa, procurando nela intervir, [...], buscando conformar um sentido e um significado para a existência, que não estará dado.

Pois a história, ao lidar com o passado, tem a difícil tarefa de contemplar a morte, de conviver com ela. E, no entanto, a própria vida só pode ter valor em relação à morte, neste movimento dialético que faz com que uma orbite em torno da outra, com que dancem entre si esta dança curiosa e eterna que nos lembra que ambas, apesar de tudo, pertencem a este mundo. Temos primeiro de encarar a face sempre magra e óssea da finitude, mas por ela podemos igualmente exercitar o respeito à diferença e à alteridade, e sabermos, como a singela estória de Jonas nos lembra, que podemos fazer alguma diferença. Pois neste mundo globalizado em que vivemos, onde o presente está cada vez mais alargado, no qual o passado minguia e as memórias muitas vezes ganham o peso de meras curiosidades, é talvez preciso propor outro tipo de exercício à memória, um que não tenha apenas o efeito de evasão do presente - é preciso enfim, como Huyssen adverte, que exercitemos uma memorização produtiva, criadora de sentidos (HUYSSSEN, 2000).

## Referências Bibliográficas

### Livros:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. "Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história?". In GONÇALVES, Márcia de Almeida; ROCHA, Helenice; REZNIK, Luís; MONTEIRO, Ana Maria (orgs.). **Qual o valor da história hoje?**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 21-39.

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2013.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

GINZBURG, Carlo. Estranhamento: pré-história de um procedimento literário. In: GINZBURG, Carlo **Olhos de Ma-**

**deira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia Das Letras, 2001, p. 15-41.

HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p.9-40.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda Consideração Intempestiva**: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

ORWELL, George. **A Revolução dos Bichos**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2015.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2015.

#### **Filmes:**

**O Doador de Memórias**. Dir. Phillip Noyce, roteiro Vadim Perelman, Estados Unidos da América, 2014, 97 min.

#### **Revistas:**

**Observando**: Revista do Observatório da Cidade de Porto Alegre - v.3, n.4, 2013.